



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

CAPRICHOS da SORTE

POR ROSA SILVESTRE

— **O** LHA o 1141!
— «Está andar à roda!
«Quem quere a taluda!
«É o 1141!
O Chico gritava, com tóda a força dos seus pulmões, e a sua vósita parecia uma súplica desesperada:
— «Está a andar à roda!
«É o 1141!
«É a última!
«Para acabar!
Mas ninguém lhe ligava importância. Passava muita gente; senhoras bem vestidas, homens e mulheres do povo, crianças da idade dele e era como se não o ouvissem. Nem para ele olhavam! Entretanto, o pobre Chico lá ia sempre repetindo:
— «É o 1141!



«Quem quere a sorte grande!
Já estava rouco de tanto gritar. Olhava para todos os lados, estendia o braço, oferecendo a cautela, a ver se alguém se «tentava». Isso sim... Ninguém reparava nele!

De repente, como se lhe faltasse a coragem, encostou a testa à parede, amarroutou a cautela nas mãos, e começou a soluçar.

Muito grande devia ser o desgosto do Chico, para ele, que era tão corajoso, chorar assim. Se lhes parece!
— A mãe doente e com uma pneumonia, e os irmãositos a pedir pão...

Desde que o pai morrera, nunca mais deixara de haver miséria naquela casa. Eram três — ele e mais dois pequenitos, um rapaz e uma garotinha, que passavam os dias, na rua, a brincar.

A mãe andava na fábrica mas nem sempre tinha trabalho. E o Chico não tivera outro remédio senão pôr-se, também, a trabalhar como um homem.

Que havia de fazer?

Pensou. Tornou a pensar. E resolveu vender jogo. A mãe lá arranhou o dinheiro para começar. E o negócio não tinha sido muito mau até aquele dia. Mas aquela cautela que ficara por vender, era um prejuízo enorme. Nunca lhe sucedera.

E logo havia de ser naquela ocasião em que a mãe estava tão mal, cheia de febre, sem poder sair da cama há mais duma semana!

Por isso o Chico chorava, coitado... Entretanto, um colega e rapazito da mesma idade — bateu-lhe no ombro. Era o Tónio, companheiro de trabalho e de brincadeiras.

— Então, que é isso? — disse ele.

— Deixa-me — respondeu o Chico, empurrando-o com o braço.

— Não queres dizer?

— Não vendi o jogo todo! Fiquei com uma cautela.

— É só por isso que tu choras? — perguntou o Tónio, que andava sempre alegre.

— Ainda achas pouco?

— Não tens mesmo coragem nenhuma! Vem daí comigo.

E lá foram os dois pela rua fóra, o Chico de mãos nas algibeiras e ca-



beça baixa; o Tónio a dizer-lhe com ares importantes:

— Pois, eu cá, vendi tudo. Se estiveres aflito, sempre te poderei dar uma ajuda.

Mas o Chico encolheu os ombros e nem lhe respondeu. Moravam os dois na mesma rua. Foram juntos até lá e o pobre Chico entrou em casa, tão triste que nem teve coragem de ir beijar a mãe. Só quando ela o chamou é que ele se aproximou do leito e lhe contou a verdade. A mãe quis consolá-lo, mas nem sabia o que lhe havia de dizer.

Aquele prejuízo viera aumentar ainda mais a sua miséria. E não havia em casa nem uma códea de pão...

— Estás aí, Chico? — era o Tónio que o chamava lá de baixo, da porta da rua.

— Que é que tu me queres? — respondeu o Chico.

— Chega cá. Quero fazer-te uma pergunta.

— Não estou para graças. Se queres subir, sobe, que eu não vou lá abaixo.

— Pois, então, vou eu lá acima.

E o bom do garoto subiu a escada, a correr.

— Deixa ver a cautela — disse ele, com os olhos a brilhar.

— Para que a queres tu? Ainda vens fazer pouco de mim? — respondeu o Chico.

— Nada de palavreado; deixa ver a cautela — insistiu o Tónio.

O outro procurou na algibeira dos calções, onde a tinha guardado, mas não a encontrou.

— Procura, homem, procura! — repetia o Tónio, numa grande excitação.

— Se calhar, perdi-a! — disse o Chico, desanimado.

— Era só o que faltava! Lembras-te do número?

— Nunca mais me esquece aquele demónio azarento. Era o 1141.

— Bem me parecia! Procura a cautela, homem, que estás rico!

— Que estás tu para aí a dizer? Ainda vens fazer pouco de mim?

— Nem pouco, nem muito. Digo o que é: estás rico! O 1141 teve a taluda!

O Chico transfigurou-se. Não sabia se havia de rir, se havia de chorar. E a cautela que não aparecia!

— Estamos ricos, mãe! Estamos ricos! Saiu a sorte grande ao 1141! — gritava ele.

A pobre mulher nem podia acreditar. Sentada na cama, olhava para o filho, com os olhos esgaseados, a pensar que tinha enoidecido.

— Onde está a cautela? Deixa ver? Mas, isso, sim, o Chico sabia lá onde estava a cautela!

Seria possível que ela se tivesse perdido?

A alegria estava já a transformar-se em desespero, quando os dois irmãositos que andavam, como de costume, na rua, apareceram à porta. Vinha com eles o Farrusco, um cãozinho ainda pequeno, que o Chico encontrara abandonado e trouxera para casa.

Ao vê-lo, o Chico correu para ele, com um pressentimento. O cãozinho trazia na boca um papel amachucado.

Seria a cautela?

E era, efectivamente. Caíra-lhe na escada, e o Farrusco, como era pequenino e tudo lhe servia para brincar, pegara-lhe ao subir.

— Cá está! Cá está o 1141! — gritava o Chico, beijando o cão.

E, sem esperar mais, saiu a correr, seguido pelo Tónio, tão contente como ele, enquanto a mãe, chamando os filhos mais novitos, que não tinham compreendido nada, lhes dizia:

— Dêem graças a Deus! Acabou-se a fome. Agora vão ter muito que comer!



E foi assim que um prejuízo se transformou em fortuna, para aquela pobre família.

O Tónio, como era de justiça, também teve o seu quinhão, para comprar um fato. É claro que o Chico nunca deixou de trabalhar. Os irmãos foram para a escola, mas ele continuou a vender cautelas e apregoava, todas as semanas:

— Cá está o 1141! Quem quer a sorte grande! É o 1141!

E quando ficava alguma cautela por vender, guardava-a cuidadosamente, sem ficar aborrecido.

Quem sabe se não tornaria a sair a sorte grande no 1141?

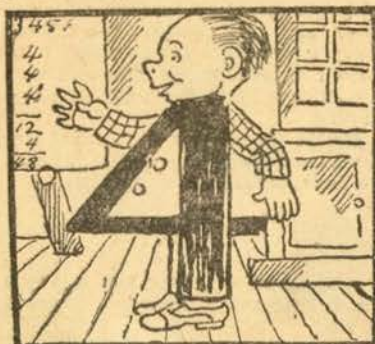
A SOBERBA CASTIGADA

Por FELIZ COSTA VENTURA

UM dia o «oitto» e o «quatro». Não sei bem porque razão, Tiveram, muito exaltados, Uma grande discussão.

O «oitto», todo altaneiro, Dizia com ufania: — Até nos olhos me trazem Por causa da miopia.»

Nas grandes confeitarias, Também já sou afamado, Por ser um «oitto», o biscoito É bastante procurado!...



Mas o «quatro» (que arrelia) Diz ao «oitto» com desdém: «É tanta a sua nobreza Que nem pergaminhos tem,

Eu pertenceo a gente ilustre Pois já reis acompanhei, Não pense lá o amigo Que venho de humilde grei.

E para não duvidar Nem pensar que é zombaria, Leia, atento, a nossa história: Tem a quarta dinastia!

Não se quer' dar por vencido O «oitto», e diz irritado: «Se você fôsse dos nobres Não era tão malcriado.»

Nisto o «seis» que estava ao lado, E que ouvira a discussão, Acaba por declarar: — «Nenhum dos dois tem razão.

Todos sois inferiores, Ninguém nobreza vos deu. Eu é que sou portentoso, Quem tem nobreza sou eu.



E até sou muito mais alto Que vós na numeração. E para não duvidarem Vou já dar a explicação.»

E ante os outros, que pasmavam Com um tal arrazoado, Põe as pernas para o ar E fica em nove mudado.

E sempre assim que acontece Quando a vaidade ergue a voz. Por mais que alto nos julgemos Há sempre um que é mais que nós.

F

I

M

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

POR ABELHA MESTRA

Minhas Abelhinhas,

VAMOS fazer este trabalhinho, tão alegre nas suas cores berrantes, um engraçado *napperon* de papoulas, que vos há-de fazer pensar nas lindas flores encarnadas que adornam os campos na primavera.

Há-de até parecer-vos ter lá ido colher essas!

A linda quadra já não vem muito longe, mais dois meses e já poderemos ir colhê-las e enfeitar as nossas casas.

Vereis, então, como, sob uma garrida jarra de papoulas, se há-de harmonisar bem o pequenino *napperon* que hoje vos trago.

Para elas, as alegres flores, escolherão uma *filoselle* de cor vermelha viva. Bordarão os estames em preto e aplicarão a cor verde para as folhas e tronco.

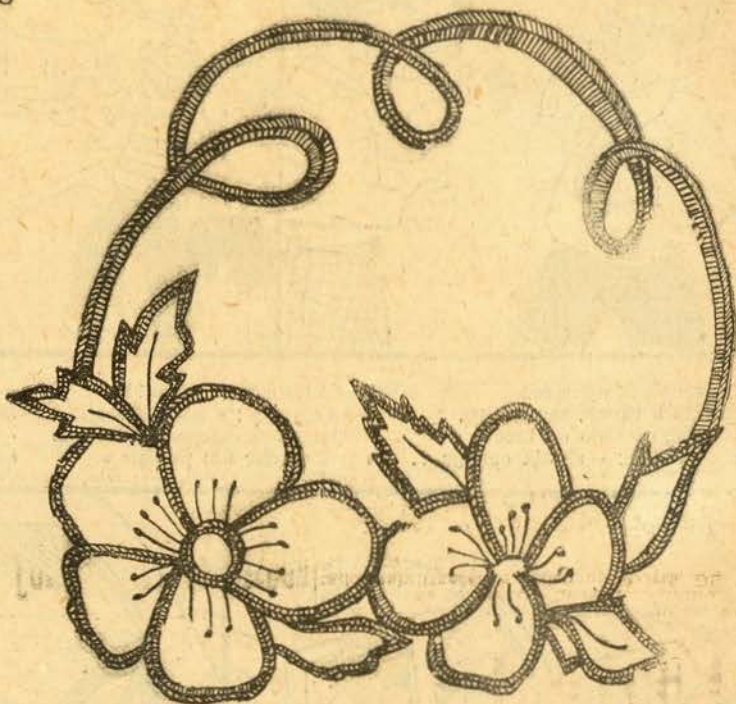
Todo o trabalho deve ser executado em ponto de recorte,

excepto os estames, que farão em ponto pé de flor, com um nózinho a terminá-los.

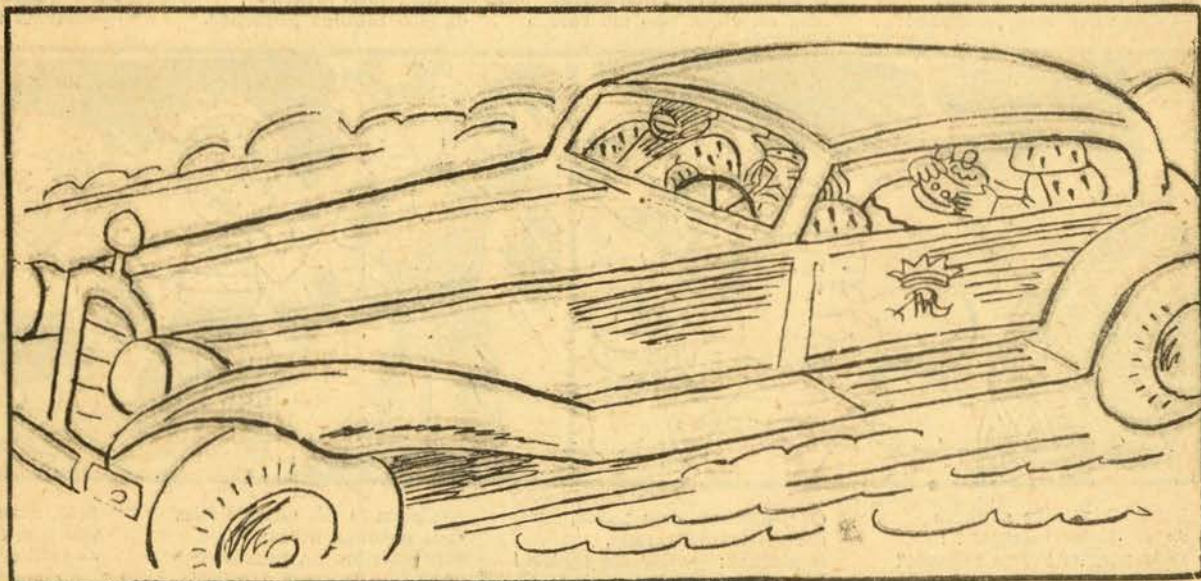
Lindo trabalhinho este que

até vos lembrará a primavera
A todas abraça a vossa amiguinha

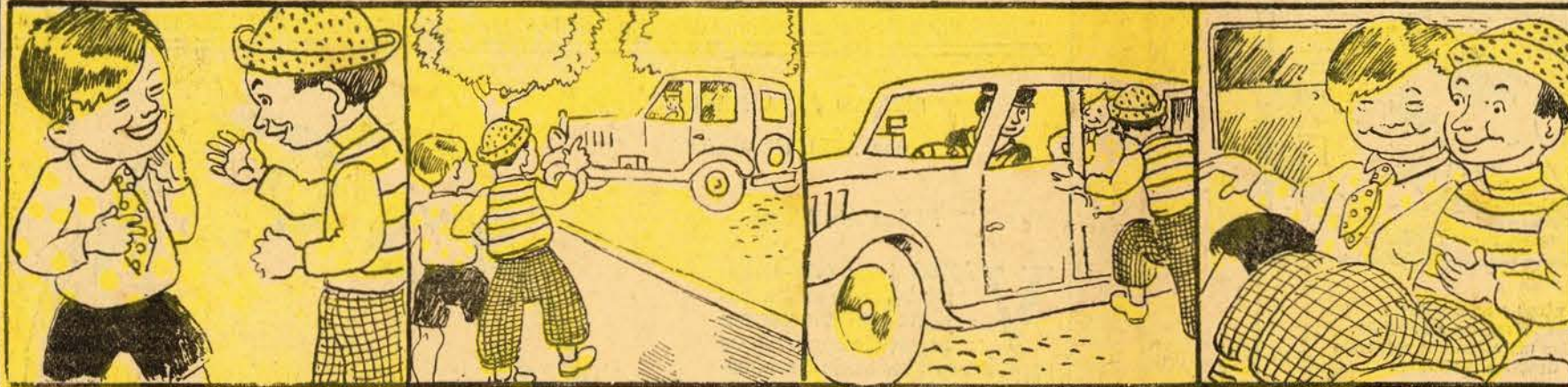
Abelha Mestra.



PARA OS MENINOS COLORIREM



AVENTURAS DE CHICO E TONECA



O endiabrado Toneca chama o Chico, seu amigo, (também levado da breca) dizendo-lhe: — «Anda comigo...

Vês aquele taxi, além? — «Vejo sim; e nada feio.» — «Pois vou chama-lo; ele vem e iremos dar um passeio.»

— «Dar um passeio? Estás louco? Sem massas para pagar!» — «Não te rales por tão pouco que tudo se há-de arranjar...

Com um dedo levantado, Logo Tonecas audaz, sobranceiro e apumado, exclama: — «Pist! O rapaz!...

Põe-se o carro em movimento... Passam casas e postigos... É grande o contentamento dos dois patetas amigos...



Radiantes, os petizes em alegre conversata, dizem contentes, felizes: — «Mas que bela passeata!...

Tornaremos a bisar esta pândega de estalo! O «chauffeur» há-de berrar mas eu é que não me ralo!

O taxímetro marcava trinta escudos, nada menos, e tudo, tudo alegrava, os dois rabinos pequenos.

Mas nisto o «chauffeur», parando, logo indaga: — «Onde ficamos?» diz o Tonecas, corando: — «Mesmo aqui nos apeamos!»

De face alegre e louçã, descem os dois, e o Toneca, exclama: — «Pago amanhã!» Grita o «chauffeur»: — «Com a breca!



Vocês julgam-se capazes de me poder intrujar?! Dois garotos! Dois rapazes! Vamos contas ajustar!»

Os pequenos, com pavor, em gritaria aterrada, imploram: — «Qu'rido senhor! Não diga, não diga nada!»

— Calem-se já, quando não, seus gatunos atrevidos, vou metê-los na prisão onde hão-de ficar detidos!»

Mas, num grande desacato, põem-se os dois a berrar: — «Móro na rua do Rato, lado esquerdo, quarto andar...»

Pois meninos: nessa noite, os dois heróis desta história, apanharam tanto acoite, que lhes ficou na memória...

O DESASTRE

POR LEONOR DE CAMPOS

— «Gilberto: cuidado com os carros!» — recomendava a mãe, tôdas as manhãs. E, invariavelmente, acrescentava:

— «Quando atravessares a rua, olha para um e outro lado e não subas nem desças para os carros em andamento...»

Mas o Gilberto, um rapazão de 12 anos, que parecia ter 15, por ser tão alto e tão forte, encolhia os ombros com uma pontinha de impaciência e resmungava:

— «Se eu fizesse o que a mãe quer, ficava um bom mariquinhas...»

— «Mas, meu filho, eu só quero o teu bem. Ser prudente, não é ser efeminado. Porisso te recomendo que te acauteles, para que nenhum perigo te suceda...»

— «Cauteloso sou eu, minha mãe. E tanto que já tenho subido e descido muitas vezes com o electrico em andamento e nunca me sucedeu mal algum!...»

— «O quê? Então tu, depois de eu ter proibido terminantemente essas ginásticas disparatadas, continuas a fazê-las?»

— «Mas é só quando tenho muito pressa!...»

— «Seja como fôr. Não consinto que tornes a fazê-lo...»

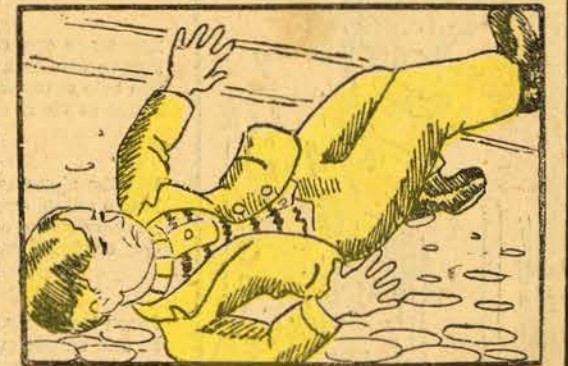
Inúmeras vezes, com pequenas variantes, estas cenas se repetiam. Mas o Gilberto, teimoso, fazia ouvidos de mercador às proibições da mãe e continuava a desobedecer-lhe.

Ora, certo dia, o Gilberto demorou um pouco mais a vestir-se e, no receio de chegar tarde ao liceu, enguliu à pressa o almoço, desceu a escada a correr, a correr atravessou a rua e foi postar-se na paragem, à espera do electrico.

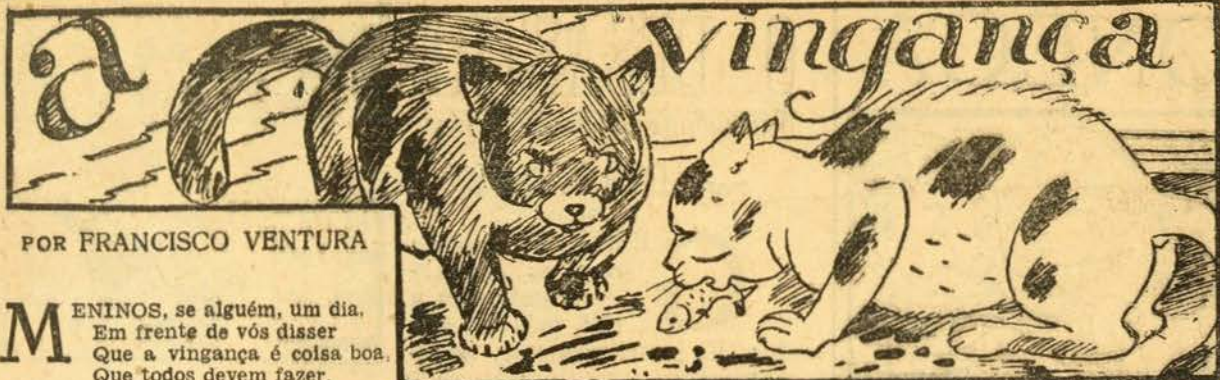
Porque — diga-se de passagem — o Gilberto é um excelente estudante, muito estudioso e cumpridor dos seus deveres.

Nisto, aparece o carro. Para não perder tempo, o Gilberto nem o mandou parar. De um salto, enfiou-se na plataforma. Orgulhoso com a proeza, olhou em volta de si, a ver se algum dos passageiros teria admirado a sua agilidade. Mas ficou um pouco desapontado... Ninguém reparara nele!...

— «Deixá-lo — disse para consigo. — Não deram conta, agora, mas quando eu descer...»



(Continúa na página 8)



POR FRANCISCO VENTURA

MENINOS, se alguém, um dia,
Em frente de vós disser
Que a vingança é coisa boa,
Que todos devem fazer,

Voltai-lhe, depressa, as costas,
Não ouçais tão grande horror.
A vingança é sempre má
Seja ela como fôr.

Encontrou-o num telhado
E, vendo-o mesmo à beirinha,
Deu-lhe um empurrão medonho
Para tirar-lhe a vidinha.

Senão ouvi: Certo dia
Um gato, de instintos maus,
Que comia passarinhos
Soltando alegres miáus,

Mas o outro com o medo
— Ele há coisas do diacho! —
Agarrou-o pelo rabo
E ambos foram para baixo.

Zangou-se com outro gato,
Porque este fôra apanhar
Um belo carapau fresco,
Antes de ele lá chegar.

E quando, daí a pouco,
No chão ficaram estirados.
Tinham todo o corpo em sangue
E os ossos todos quebrados.

Deu-lhe algumas sapatadas
Mas o outro, que era forte,
Respondeu-lhe com tal sova
Que o pôs às portas da morte.

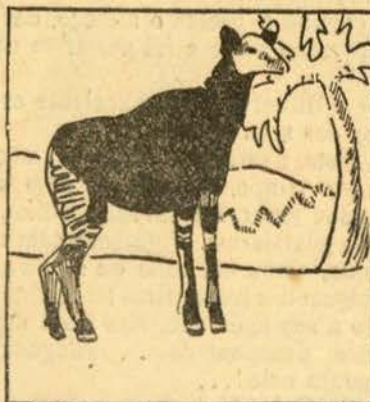
Já vedes por este caso,
Meu pequenino leitor,
Que a vingança é sempre má
Seja ela como fôr.

Jurou logo o mau vingar-se
E, mal curado se achou,
Logo o outro, sem demora,
Com cautela procurou.

■ F I L M ■

CONCURSO DOS BICHOS

As cadernetas, feitas pelos meninos,
devem ser enviadas à redacção do
Pim-Pam-Pum Rua do Século, 43, e
serão restituídas, após a sua aprecia-
ção pelo júri, no caso de serem recla-
madas no prazo de 8 dias.



Afinal, o concurso é mais difícil do
que nós julgávamos. Por isso, a única
condição passa a ser adivinhar os 40
bicharocos.

Já não é preciso fazer quaisquer re-
ferências à vida de cada animal;



Todos os mentinos podem concorrer.
Tem sido cá uma bicha de cartas e
bilhetes postais a pedir informações!
Não lhes digo mais nada, por hoje.
Até breve!

O REMORSO DA ROSITA

POR GRACIETTE BRANCO

TODA a tarde a lambareira Rosita andara a rondar a copa, onde a criada guardara uma grande travessa de sonhos, que a avó mandara de manhã.

Rosita era boa menina, tinha bom coração, era bonita de cara, asseada e inteligente mas tinha um grande defeito: — ser muito lambareira.

A Mãe já conhecia o triste defeito da filha e, por isso, fechara a sete chaves a portinha da copa.

Mas, como era dia de maior movimento em casa, por fazer anos o Pai de Rosita, a Mãe entregou o molho de chaves à criada, que, por sua vez, o deixou na porta, teimosamente vigiada por Rosita.

Grande alegria sentiu a lambareira, quando viu a copa à sua mercê e, abrindo a porta com mil cautelas, entrou, comendo quasi todos os sonhos, fofos e loirinhos, que eram mesmo um regalo.

A hora do jantar, na altura dos sonhos, chega a criada, dizendo, em voz baixa, à patroa, que, na travessa, ape-

nas restavam quatro sonhos. Embora a criada tivesse falado em voz baixa,

Córando até à raiz dos cabelos, exclamou prontamente:

— «Olhe, Mãe: foi, com certeza, o atrevido do Tareco, que eu vi sair da copa, todo lambuzado de açúcar.»

— «Ah, sim?!» — exclamou a mãe. Pois, então, tragam-me o Tareco e um saco bastante grande e digam à cozinheira que vá deitá-lo ao rio.»

A criada, fingindo acreditar, trouxe o pobre gatinho mas, enquanto todos contemplavam silenciosamente a cena, Rosita rompeu num choro convulsivo, gritando angustiosamente:

— «Não, Mãe, não! Solta o Tareco! Fui eu e só eu, mas vou emendar-me e hei-de deixar de ser a feia lambareira que tenho sido.»

Absolvida pela Mãe e pelos presentes, foi afagar o gatinho, vindo a tornar-se, de facto, a menina ajuizada que prometera ser.



todos ouviram e logo os olhares convergiram para a pequenita.

UMA LIÇÃO DE CIÊNCIAS

POR MANUEL FERREIRA

(Continuado do número anterior)

— «Não, de capelo. E' chamada assim por causa dum manto que parece ter. Também lhe chamam cobra de óculos porque tem duas manchas que parecem um par de óculos. Assim que morde, mata instantaneamente.

— «O lince é afamado pelo seu olhar. Parece um cão. O tatú é muito interessante porque está coberto de escamas. O ornitorinco tem quatro patas, bico de pato e põe ovos.»

— «Que engraçado.» — comentou Alfredo.

— «E é... Há uma ave linda que é a poupa, assim como no interior da Africa há um animal, chamado gnu, ou boi-cavalo...»

— «Que nome...» — observou o João.

— «Tem o corpo de cavalo e uma armação como a dos bois. O okapi é preto com umas malhas muito lindas nas pernas.»

— «Mas há animais que são muito bonitos, para a vista.» — arriscou o Alfredo.

— «Há. O veado, o porco-espinho, por exemplo. E os macacos, que cómicos são!...»

Na passarada temos alcatorda, o pica-peixe, o pinquim que é tão engraçado. Todos estes estão perto da água. E temos ainda o flamingo, de pescoço e patas muito altas, a ave-lira, que tem uma plumagem lindíssima e o calão que parece ter um barrete de entrudo.»

Os rapazes riram-se e disseram-me:

— «Obrigado pela tua lição. Fique certo de que não nos esqueceremos dela...»

Eu retorqui:

A DIVINHA



Meus meninos: — Vejam se descobrem o menino guloso que se está preparando para comer este bolo rei.

— «Já que vocês se interessam tanto, tomem parte no concurso dos bichos do «Pim-Pam-Pum»...»

— «Se calhar é difícil» — arriscou o João.

— «Qual difícil! Todos os bichos que lá estão são aqueles em que eu agora lhes falei.»

E lá se foram embora, todos contentes por poderem concorrer a um concurso tão interessante e instrutivo.



I — Certa manhã,
Zé Distraído
rega o quintal
todo florido.

II — Entanto, a esposa,
com chapeleta
engrinaldada,
lê a selecta.

III — Rega que rega,
o regador
vai voltejando
de flôr em flôr...



IV — Nisto, a mulher
do nosso herói,
deixa de ler...
Mas porque foi?!...

V — E que o marido,
vendo o chapéu,
ao lado seu,
também florido,

VI — tomou o quico
— (é natural!) —
por um canteiro
do seu quintal.

O DESASTRE

(Continuado da página 5)

Aproximava-se a paragem em que o Gilberto costumava descer.

Empreado e com um sorriso superior, o rapaz atravessou o carro até à plataforma da frente, abriu e fechou com força a portinhola. Desceu ao estribo. E, ao passar em frente da paragem, atirou-se do carro. Mas, porque o eléctrico levava grande velocidade, Gilberto não conseguiu equilibrar-se, como de costume. E... trr... escorregou, caíu... e perdeu os sentidos. Levaram-no para o hospital. Tinha partido uma perna.

Três meses esteve Gilberto no hospital. E quando se levantou, ainda bastante côxo, declarou um dia a sua mãe:

— «Garanto-lhe, mãezinha, que nunca, nunca mais tornarei a desobedecer-lhe. Afinal, que lucrei eu com a desobediência? Parti a perna, perdi o ano por faltas, afligi-me e afligi a minha querida mãe!... Perdôa-me, sim? Não torno!...»